



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

LEONILDO DA SILVA LEAL

**AS HOSSEXUALIDADES NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL, EM BATURITÉ-CE**

**REDENÇÃO
2016**

LEONILDO DA SILVA LEAL

**AS HOSSEXUALIDADES NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL, EM BATURITÉ-CE**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Dra. Luma Nogueira de Andrade.

**REDENÇÃO
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA DA BIBLIO

LEONILDO DA SILVA LEAL

**AS HOSSEXUALIDADES NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL, EM BATURITÉ-CE**

Projeto de Pesquisa submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Bacharelado em Humanidades, da UNILAB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Luma Nogueira de Andrade (Orientadora)
UNILAB

Professor Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra
UNILAB

Professor Ms. José Wellington de Oliveira Machado
UFC/CREDE 8

RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral analisar as percepções de estudantes do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal localizada em Baturité - CE, sobre as homossexualidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (CHIZZOTTI, 2010) que buscará compreender como as (os) estudantes definem as homossexualidades e como lidam com a diversidade sexual no espaço escolar; Verificar as contribuições da escola para a compreensão das homossexualidades pelas (os) estudantes a partir da análise do currículo, regimento, livros e projeto pedagógico; e Identificar as relações de sociabilidade entre as (os) estudantes homossexuais e heterossexuais). Nesse sentido, aborda os temas homofobia, heteronormatividade e educação (ANDRADE, 2012; BRANDÃO, 2013, JUNQUEIRA, 2012; BUTLER, 2015). Posteriormente, com a realização da pesquisa, pretendo produzir uma monografia a partir dos resultados oriundos deste projeto de estudo.

Palavras-chave: Homofobia, Heteronormatividade, Escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO	9
3 OBJETIVOS	13
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
5 METODOLOGIA	16
6 CRONOGRAMA	18
7 RESULTADOS ESPERADOS	19
8 REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem por objetivo analisar as percepções de estudantes do 9º ano do ensino fundamental sobre as homossexualidades em uma escola pública municipal, localizada no município de Baturité, no interior cearense. Considerada a maior escola da rede municipal de ensino por atender a estudantes de várias localidades, tanto urbanas quanto rurais, este lugar chama atenção para o desenvolvimento da pesquisa, pois o grande número de alunos revela uma convivência diária com as diversidades e com a construção e reprodução de opiniões, atitudes e comportamentos que podem ser preconceituosos e excludentes ou de afirmação dos sujeitos que estão descobrindo sua sexualidade e construindo suas identidades sexuais.

O local a ser observado é a Escola de Ensino Fundamental Municipal Domingos Sávio, localizada no município de Baturité, no interior cearense, a qual faz parte da rede pública municipal de ensino e conta com 1.136 alunos, com idades entre 6 e 15 anos. O prédio onde hoje funciona a referida escola, foi fundado em 1º de janeiro de 1930, pelo padre salesiano Luiz Bezerra de Brito e, sob a coordenação de padres salesianos, foi nomeado Colégio Domingos Sávio, em homenagem a um santo católico que faleceu muito jovem, aos quinze anos de idade, vítima de uma tuberculose e que vivia sob os princípios e valores da Igreja Católica. O lema de vida de Domingos Sávio era: *“antes morrer, que pecar”*. Este lema está inscrito no Hino da escola e é cantado em ocasiões solenes, reafirmando os valores desse jovem santo como exemplo a ser seguido por todos.

Neste contexto, esse projeto de pesquisa foi motivado por um desejo de contribuir para a desconstrução de preconceitos que tanto machucam, excluem e violam os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT's) em nossa sociedade e o motivo pelo qual optei por esta escola foi o fato de ter estudado na mesma entre os anos 2000 a 2003, período este em que convivi com colegas cujas opiniões em muito refletiam o que os pais falavam em casa, ou seja, uma reprodução do preconceito em uma escola que, pelo menos à época não dava a devida atenção ao tema, onde a maioria dos professores repetidamente dizia-se despreparado para trabalhar com esse assunto em sala de aula. Barreira (2015), considera que:

(...) analisar a heteronormatividade e homofobia em relação à educação escolar apresenta desafios político-pedagógicos, pois lidar com temas tão enraizados e construídos ao longo de toda uma construção social constitui-se, de alguma forma, como um enfrentamento à norma (BARREIRA, 2015, p. 16)

O perfil dos interlocutores são estudantes com faixa etária entre 13 e 15 anos de idade, cursando o 9º ano do ensino fundamental, que participarão da pesquisa mediante autorização dos pais ou responsável (is), assegurado a não identificação do interlocutor, em conformidade com as orientações do Comitê de Ética da Unilab.

Os interlocutores assim como os profissionais da educação, são envolvidos ou se deixam envolver, de forma consciente ou inconsciente, de maneiras diferentes com brincadeiras de mau gosto, piadas de teor homofóbico, as quais vivenciei durante meu período de estudo na escola campo deste trabalho. Essa percepção veio após o contato com movimentos sociais, sobretudo através do movimento estudantil da União dos Estudantes do Maciço de Baturité (UEMBA) e, posteriormente com o movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), que me levou a fundar, juntamente com outros colegas homossexuais a Organização dos Homossexuais de Baturité (OHBA), no ano de 2005, bem como a participação em diversos fóruns e conferências a nível estadual e nacional, que possibilitaram-me desconstruir algumas concepções que eu até então encarava como sendo atos naturais. Este momento se configurou como um divisor de águas em minha vida: a descoberta e a vivência da minha própria homossexualidade e a elucidação das formas de subalternização às quais fui submetido, pois afirmar-se homossexual no seio de uma sociedade machista, sendo rotulado de “bichinha”, “viado”, “sem vergonha” etc., foi um processo doloroso, mas a tomada de consciência em relação a minha diferença promoveu um enfrentamento das adversidades.

Objetivando possibilitar novos enfrentamentos, a metodologia utilizada consistirá em uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica que será desenvolvida em um período de 18 (dezoito) meses, onde poderei observar a dinâmica da escola e a interação dos alunos, dialogando com o núcleo gestor e demais membros da comunidade escolar. Para tanto, será utilizado um caderno de

campo, com o objetivo de registrar os mais variados dados e percepções dos alunos em relação ao tema proposto além das minhas impressões enquanto pesquisador. Nesse sentido, a observação-participante possibilitará uma aproximação da realidade do campo que será estudado.

Posteriormente, com a realização da pesquisa, pretendo produzir uma monografia a partir dos resultados oriundos deste projeto de estudo.

2. JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

Pesquisar sobre homofobia no Brasil, ainda que sejam visíveis e notórias suas manifestações, impõe ao pesquisador o desafio de observar os sujeitos para além das suas falas, interpretar suas atitudes e seus olhares. É comum afirmarmos “eu não tenho preconceito”, porém nas brincadeiras de criança os papéis que se colocam para meninos e meninas, implicam na definição do que é considerado certo ou errado para ambos. A partir dessa visão sexista, onde supostamente meninos e meninas devem seguir o que lhes é “determinado” de acordo com seu sexo biológico, podemos refletir sobre o modo como a escola reforça esses padrões ou desconstrói preconceitos, sobretudo quando falamos na construção da masculinidade como um valor na nossa sociedade, ou seja, a construção e reprodução de práticas machistas e heterossexistas. Segundo Connel (1995) *apud* Louro (2010):

(...) pensa na construção da masculinidade como um “projeto” – tanto coletivo como individual – no sentido de que esse é um processo que está continuamente se transformando, afetando e sendo afetado por inúmeras instituições e práticas.

Louro (2010, p.49-50) afirma que, “em nossa sociedade, devido a hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos”. Contudo, a escola, compreendida como um ambiente de aprendizagem e, sobretudo, de sociabilidades e descobertas da adolescência, do

corpo e dos desejos, pode configurar-se em um espaço difícil de se lidar quando permeado de brincadeiras preconceituosas, xingamentos, afastamento de alguns amigos e omissão por parte de professores ou núcleo gestor. Nesse sentido, a relevância social dessa pesquisa está no fato de que, a partir de uma análise das percepções dos sujeitos investigados, podemos pensar estratégias de como abordar essa temática no espaço escolar e possibilitar um diálogo com vistas à desconstrução de preconceitos e uma formação de cidadãos que respeitem as diferenças.

Considerando que as diversas formas de preconceito são construídas por padrões e modelos culturais hegemonicamente construídos por um grupo em detrimento de outro, percebemos a educação como um processo capaz de superar as desigualdades ou de reforçar estigmas, segregação e discriminação, sobretudo em relação às homossexualidades. Por tratar-se de um ambiente onde as interações sociais se dão, muitas vezes, permeadas pelas descobertas do corpo e dos desejos, a escola oferece muitos objetos passíveis de observação, dentre os quais, a presente pesquisa busca desvendar e compreender as percepções dos estudantes do 9º do ensino fundamental, os quais estão completando uma etapa da vida escolar para ingressar no ensino médio.

No que se refere às contribuições que esta pesquisa pode trazer, ressalta-se o fato de que esta dar-se-á em um campo ainda pouco explorado, ou seja, entre estudantes do ensino fundamental que estão completando uma importante etapa na vida estudantil para dar início a uma nova etapa que é o ensino médio, onde as relações e experiências que envolvem a transição da infância para a adolescência e a descoberta e vivência mais intensa da própria sexualidade podem, ou não, serem permeadas de preconceitos e intolerâncias.

Ao identificar e interpretar as percepções que os sujeitos da pesquisa possuem em relação às homossexualidades, abre-se um leque de possibilidades para se debater esse tema em sala de aula, além de apontar estratégias de diálogos com esses sujeitos, desmistificar tabus e contribuir para que estudantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais sintam-se acolhidos e respeitados no ambiente escolar e, por consequência, na sociedade, e possam prosseguir nos seus estudos sem que este seja um processo traumático.

Segundo Louro (1997), a escola não transmite apenas conhecimentos, ou somente os produz, mas também desenvolve as identidades étnicas, de gênero, de classe e fabrica sujeitos. Neste caso, a escola, que deveria trabalhar a diferença na perspectiva *queer*, acaba por tentar classificar e produzir sujeitos normatizados e disciplinados, encaixotados em uma identidade coletiva padrão e sem possibilidade de mobilidade.

O termo *queer*, em português, pode equivaler a esquisito, bizarro, estranho; como também a viado, bicha. Mas sua conotação em inglês é mais ofensiva, tratando-se de uma injúria que identifica o injuriado como —desviante, guardando ainda o sentido de anormal, defeituoso, impuro. O *queer* tem sido usado como insulto que procura denunciar no insultado sua esquisitice, estreitamente ligada à sexualidade, assim como a sua detectável inadequação de gênero. (PELÚCIO, 2009, p.205).

Louro (2000), afirma que a escola tem uma tarefa “bastante importante e difícil”, pois

Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade "normal" e, de outro, simultaneamente, contê-la. Um homem ou uma mulher "de verdade" deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso. Mas a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a "inocência" e a "pureza" das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam "marcados" como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar. De algum modo são indivíduos "corrompidos" que fazem o contraponto da criança inocente e pura. (LOURO, 2000, p.17)

Portanto, ao buscar compreender como as homossexualidades são percebidas e compreendidas por estudantes do ensino fundamental, este trabalho cumpre um relevante papel para o rompimento com senso comum, quando repetidamente afirmamos: “eu não tenho preconceito”.

Esta pesquisa será desenvolvida em um período de 18 (dezoito) meses, onde poderei observar a dinâmica da escola e a interação dos alunos, dialogando com o núcleo gestor e demais membros da comunidade escolar. Para tanto, será utilizado um caderno de campo, com o objetivo de registrar os mais variados dados e percepções dos alunos em relação ao tema proposto além das minhas impressões enquanto pesquisador. Nesse sentido, a observação-participante do campo de estudo possibilitará algumas problematizações acerca da delimitação do objeto a ser investigado, uma vez o tema homossexualidades é amplo e diverso em possibilidades.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa serão necessárias algumas etapas, dentre as quais destaco as leituras necessárias para o embasamento teórico e o diálogo com os sujeitos pesquisados, além de uma análise dos dados a partir do referencial teórico. Como dialogar com a comunidade escolar sobre as homossexualidades com vistas a desconstrução de preconceitos tão enraizados em nossa cultura, quando os próprios professores se veem despreparados para esse tema? Identificar como esses estudantes percebem esse tema na escola, torna-se fundamental para pensarmos em estratégias de rompimento com práticas discriminatórias, brincadeiras de mau gosto, apelidos etc. Assim, buscarei compreender essas percepções e tecer algumas considerações de modo a contribuir com estudos na área.

Este trabalho será, inicialmente, dividido em três capítulos, cujo objetivo do primeiro capítulo é compreender como as (os) estudantes definem as homossexualidades e como lidam com essa temática no ambiente escolar. Para tanto, será aplicado um questionário aos estudantes do 9º ano e as observações constantes no caderno de campo subsidiarão as argumentações, a partir do registro das reações dos estudantes no momento de responder ao questionário, bem como as impressões no olhar de alguns estudantes em responder perguntas sobre o tema da homofobia. Afinal, como os interlocutores definem homossexualidade? Esta pergunta central norteará meu percurso no intuito de revelar essas percepções.

O segundo capítulo buscará em trazer à tona as contribuições da escola para a compreensão das homossexualidades utilizando-se, para tanto, de uma análise do currículo, do regimento da escola, livros didáticos e projeto pedagógico. Este objetivo visa identificar essas contribuições, sejam elas positivas ou negativas, e aprofundar o olhar sobre a escola,

considerando que o ambiente escolar, mais do que um espaço onde se repassam conhecimento é, antes de tudo, um espaço onde as relações sociais se constroem e se reproduzem. Assim, as contribuições identificadas ou não na escola, podem representar um caráter pedagógico e, sobretudo, político do ponto de vista da construção/ desconstrução de preconceitos.

No terceiro capítulo, buscarei identificar as relações de sociabilidade entre as (os) estudantes homossexuais e heterossexuais. Para tanto, a observação participante da “hora do recreio” será descrita a partir de registros etnográficos, bem como diálogos com estudantes além de um relato de um ex-aluno homossexual que estudou na escola no ano de 2015.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as percepções de estudantes do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal, em Baturité - CE, sobre as homossexualidades.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender como as (os) estudantes definem as homossexualidades e como lidam com a diversidade sexual no espaço escolar;

2. Verificar as contribuições da escola para a compreensão das homossexualidades pelas (os) estudantes a partir da análise do currículo, regimento, livros e projeto pedagógico;
3. Identificar as relações de sociabilidade entre as (os) estudantes homossexuais e heterossexuais)

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a homofobia:

“pode ser definida como o medo, a aversão, ou o ódio irracional aos homossexuais, e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heteronormativos. Consiste em um problema social e político dos mais graves, mas que varia de intensidade e frequência, de sociedade para sociedade. Esse conceito ganhou o domínio público, no ativismo, na academia e também na mídia, ainda que seja pouco preciso para descrever o largo espectro de fenômenos aos quais se refere”. (Manual de Comunicação LGBT, disponível em: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>, acessado em 10/08/2016, às 11:20h).

Nesse contexto, vivemos em uma cultura permeada por preconceitos e negação das diferenças dos sujeitos, sejam elas culturais, religiosas, econômicas ou sexuais, onde a heteronormatividade impõe à população LGBT a exclusão e a violência. Segundo Junqueira (2012, p.4), a heteronormatividade é “um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas)

por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade “natural” e legítima de expressão”. De acordo com Andrade (2012, p.249):

O que foge ao modelo hegemônico estabelecido é submetido à pedagogia da violência e da dor como tentativa de correção e retidão. Na escola, tais pedagogias são praticadas pelos educadores nas “melhores das intenções”, pensando na preparação e inserção social dos (as) jovens em uma cultura heteronormativa, sendo esta também uma cobrança da sociedade. Sem formação para uma teoria/pedagogia *queer*, e sem reconhecer a necessidade desta, os educadores tornam-se reféns do sistema e de seu *habitus* a ponto de acreditar que sua prática favorece o presente e o futuro de seus (as) educandos (as).

Ao observarmos as percepções das (os) estudantes sobre as homossexualidades, bem como suas relações de sociabilidade, torna-se possível compreender como a homofobia, apesar de condenada por uma parcela da população e explicitamente aceita e justificada por outra parte, encontra espaço no dia-a-dia de crianças e jovens que reproduzem, no espaço escolar, os preconceitos e discriminações enraizados na própria cultura. Para Stuart Hall (Hall, 1997 *apud* Louro, 2008), a cultura “é agora um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio”. Nesse sentido, Butler (2015, p. 44), afirma que:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. (BUTLER, 2015, p.44)

Considerando as adversidades pelas quais estudantes LGBT’s percorrem durante seus estudos, Andrade (2012) afirma que:

Com base na Constituição Federal, nos artigos 205 e 206, o princípio de igualdade é fator que deve ser garantido na escola a todos e a todas, não pondo nenhuma restrição em relação às diferenças de qualquer natureza, sendo de forma generalizada assegurado o direito ao acesso e à permanência na escola. (2012, p.19)

Entretanto, historicamente as políticas educacionais foram marcadas por segregação e negação das diferenças dos sujeitos, tornando o ambiente escolar muitas vezes um local difícil de se lidar, ocasionando evasão e desinteresse por parte dos alunos. Assim, conceito de educação, neste projeto de pesquisa, é entendido a partir de Brandão (2013), segundo o qual:

A educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunidade social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade. (BRANDÃO, 2013, p. 76-77)

Considero o exposto pelo autor não é de se estranhar que as homossexualidades sejam nos estabelecimentos de ensinos formais submetidas a tratamentos preconceituosos e discriminatórios, pois este não é o modelo desejado de homem/mulher pela sociedade tradicional brasileira.

5. METODOLOGIA

O local a ser observado nesse estudo é a Escola de Ensino Fundamental Municipal Domingos Sávio, localizada no município de Baturité, no interior cearense, a qual faz parte da rede pública municipal de ensino e conta com 1.136 alunos, com idades entre 6 e 15 anos. Logo, essa pesquisa qualitativa do tipo etnográfica se dará mediante a utilização de técnicas da pesquisa como a observação-participante, aplicação de questionário e caderno de campo de campo. Ela será desenvolvida no período de 18 meses, compreendendo o calendário para produção de TCC

previsto para o curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no qual pretendo ingressar após a conclusão do Bacharelado em Humanidades. Sobre a pesquisa qualitativa Chizzotti (2010) afirma que:

“(...) privilegia algumas técnicas que coadjuvam a descoberta de fenômenos latentes, tais como a observação participante, história ou relatos de vida, análise de conteúdo, entrevista não diretiva etc., que reúnem um *corpus* qualitativo de informações que, segundo Habermas, se baseia na racionalidade comunicacional. [...] A pesquisa qualitativa pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, exclusivo e estandarizado.”

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa escapa ao engessamento, pois ela permite fluidez assim como os dados que, para Chizzotti (2010), “não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados no instante da observação”, pois “se dão em um contexto fluente de relações”. Nesse sentido, esta pesquisa considera que os resultados obtidos em campo, permitem observar as relações sociais no ambiente escolar com foco no preconceito e discriminação em relação às homossexualidades. O objetivo central dessa metodologia é conseguir dialogar com os sujeitos da pesquisa de modo a compreender as percepções destes em relação às homossexualidades. Para tanto, será utilizada a aplicação de um questionário aos (às) estudantes do 9º ano do ensino fundamental.

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes, respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. (CHIZZOTTI, 2010, p.55)

Nesta tentativa de captura das informações elementares para produção do estudo na condição de pesquisador homossexual tenho a missão de estabelecer as estratégias necessárias para ter um olhar de estrangeiro, analisando os fatos com certo distanciamento para não perder de vista os rastros imperceptíveis no olhar nativo, assim a aproximação e o distanciamento é imprescindível.

6. CRONOGRAMA

Essa pesquisa se dará em um período de 18 meses, conforme o cronograma abaixo, considerando desde o tempo necessário para leituras e aprofundamento do referencial teórico, visitas ao campo, diálogos e entrevistas com estudantes, até a revisão pela professora orientadora, conclusão e apresentação do trabalho à banca examinadora.

PERÍODO DE CONCLUSÃO DO PROJETO DE PESQUISA																		
ETAPAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Ampliação do Estudo sobre a metodologia utilizada	X	X	X	X	X	X												
Ampliação de estudos bibliográficos	X	X	X	X	X	X												
Fichamento de textos	X	X	X	X	X	X												
Trabalho de campo							X	X	X	X	X	X						
Coleta de fontes	X	X	X	X	X	X												
Análise de fontes							X	X	X	X	X	X						
Organização / Aplicação de questionário e entrevistas							X	X	X	X	X	X						
Tabulação de dados													X	X				
Redação do trabalho													X	X	X			
Revisão /															X	X	X	X

redação final / defesa																			
---------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

7. RESULTADOS ESPERADOS

A partir de uma abordagem teórica, constatada ou não na escola campo deste estudo, os resultados advindos de uma metodologia etnográfica registram uma aproximação com a realidade dos sujeitos investigados. Sendo assim, os resultados dessa pesquisa servirão de arcabouço para uma reflexão acerca das percepções desses estudantes sobre as homossexualidades, possibilitando um diálogo com a comunidade escolar, bem como uma análise do currículo, do regimento e do projeto pedagógico da escola, de modo a fomentar estratégias para o enfrentamento às diversas formas de preconceito e discriminação de cunho machista, homofóbico, racista, heterossexista e de gênero.

Nesse sentido, com o desenvolvimento dessa pesquisa espero poder contribuir com a escola que estudei por alguns anos e na qual convivi com alguns colegas preconceituosos e professores que diziam-se despreparados para trabalhar esse assunto em sala de aula, muitas vezes reprimidos por discursos religiosos que a exemplo das aulas de religião mais pareciam um “catecismo” onde os papéis “masculinos” e “femininos” sempre foram muito bem colocados, sobretudo, durante as brincadeiras na hora do intervalo e na postura que meninos e meninas deveriam ter no dia-a-dia, repreendendo-se qualquer trejeito que sinalizasse uma subversão ao gênero determinado pelo sexo biológico.

Portanto, pretendo apresentar este trabalho concluído à comunidade escolar, dialogando com os professores e com os interlocutores sobre os resultados, de modo a contribuir para a superação/ desconstrução de preconceitos relacionados a diversidade sexual.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa / Luma Nogueira de Andrade . – 2012. 278 f. : il. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Coordenação de curso de pós-graduação em Educação. Orientação: Prof^a Dra.Celecina Veras Sales.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. - 8º ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais/ Antonio Chizzotti. 11 ed. – São Paulo: Cortez, 2010. - (Biblioteca da educação. Série1. Escola; v.16)

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do Armário e Currículo em Ação: Heteronormatividade, Heterossexismo e Homofobia no Cotidiano Escolar. São Paulo: Annablume, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

_____. O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed: Autêntica - Belo Horizonte, 2000

_____. Pedagogias da Sexualidade. In O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes Louro. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume, 2009.

ABGLT, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Manual de Comunicação LGBT. Disponível em: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>, acessado em 10/08/2016, às 11:20h.